

DAS BIBLIOTECAS & ARQUIVOS

A BIBLIOTECA NACIONAL DE PARIS⁽¹⁾

1. Introdução histórica

A Biblioteca Nacional de Paris ocupa, na margem direita do Sena, um quadrilátero de cerca de 16 500 m², limitado pelas ruas Colbert, Vivienne, Petits-Champs e Richelieu, na qual fica situada a entrada principal. Esta situação geográfica é devida às circunstâncias de uma história estreitamente ligada à dos reis de França, desde Carlos V, o primeiro grande rei bibliófilo, e sobretudo, desde Luís XIV e do seu ministro Colbert.

A Biblioteca Nacional de Paris conserva e aumenta sem cessar um tesouro de livros, manuscritos, estampas, moedas, medalhas, cujos primeiros elementos foram reunidos pelos reis humanistas e artistas do princípio do Renascimento e acrescentados, durante os séculos XVII e XVIII, pelos seus descendentes.

Os governos que se sucederam desde a revolução manifestaram à Biblioteca Nacional uma solicitude comparável, sob certos aspectos, à que sempre lhe tinham testemunhado os soberanos do Antigo Regime.

As colecções conservadas na Biblioteca Nacional de Paris distinguem-se das que se guardam no Louvre, por exemplo, pelo seu carácter nacional bem marcado devido à instituição do Depósito Legal (desde 1537 para os livros impressos), estendido ao longo dos séculos às estampas, medalhas, mapas, partituras musicais, etc.

Segundo a tradição, a Biblioteca Nacional teria a sua origem na Biblioteca Real de Carlos V, composta por 1 200 manuscritos, instalada numa torre do Louvre. Desta colecção, vendida ao duque de Bedford, no reinado de Carlos VI, e dispersa, depois da morte daquele em 1435, só resta hoje o catálogo redigido por Gilles Malet e conservado na secção dos manuscritos.

Uma colecção real de manuscritos e impressos começa a constituir-se sob o reinado de Luís XI, embora este não se tenha interessado grandemente por ela, ao que parece. Esta

(¹) As informações contidas neste artigo foram obtidas durante uma visita à Biblioteca (aproveitando o Serviço de Visitas). A Bibliotecária que conduziu a visita não só respondeu amavelmente a todas as perguntas que lhe foram formuladas, como ainda me forneceu documentação vária sobre a Biblioteca. Essa documentação, que permitiu a elaboração deste artigo, é aqui em parte apresentada em anexo.

colecção devia vir a ser enriquecida pelos monarcas humanistas e bibliófilos que foram Carlos VIII, Luís XII e Francisco I, não só com as preciosidades acumuladas pelos seus ascendentes, mas também com inúmeras aquisições, nomeadamente por ocasião das guerras de Itália.

Francisco I reúne em Fontainebleau as colecções reais divididas entre este palácio e o de Blois. Mais tarde, transferida a Biblioteca para Paris, Henrique IV manda-a instalar no Colégio de Clermont, onde não devia permanecer durante muito tempo. Os reis não se satisfaziam, como alguns colecionadores, em possuir belos livros magnificamente encadernados, com as suas armas gravadas; eles queriam também folheá-los, lê-los, e lamentavam-se do afastamento da sua biblioteca.

À falta de um local adequado, próximo da corte, começou-se por constituir no Louvre um depósito de livros espécie de anexo da biblioteca real, que recebeu o nome de «Cabinet du Roi». Luís XIV interessava-se tanto pela sua biblioteca que Colbert, superintendente dos edifícios do rei, procurou colocar as colecções, se não no Louvre, onde não cabiam, pelo menos na sua proximidade. Lembrou-se de dois edifícios que possuía na rua Vivienne (hoje Magasin, Salle de Lecture et Classement des Périodiques Français), perto do palácio construído em 1633 por Pierre Lenuet para o superintendente das Finanças Tubeuf (Cartes et Plans, Salles des Commissions) e do antigo palácio de Chivry (Bureau du Service des Périodiques, Salle d'Expositions Montreuil), ambos adquiridos por Mazarino. Este tinha mandado edificar por Mansart, em 1634, para ligar e completar os dois edifícios, as duas galerias sobrepostas que se elevam ao fundo do actual jardim Vivienne (Galerie Mansart — expositions temporaires). O tecto em arco abatido da galeria de baixo, destinada a guardar as colecções de escultura do cardeal, foi decorado com estuques em rosáceas e em folhagem, e Grinaldi ornou-o com pinturas e com grisalha. Foi também ele quem pintou os nichos e os trenós da galeria superior (Galerie Mazarin), consagrada pelo cardeal à sua colecção de móveis, tapeçarias e quadros. As pinturas dos tectos foram executadas por Romanelli.

Mazarino engrandeceu ainda o seu palácio mandando construir um edifício na rua Richelieu. É ao arquitecto Labrousse que se deve a construção da grande sala de leitura (Grande Salle de Travail) e dos arquivos (Magasins) que bordam, nas ruas Richelieu e Petits-Champs, o arquivo central dos impressos.

Em 1888, quando foi aberta a porta que dá para a praça Louvois, isto é, a entrada principal, na rua Richelieu, os edifícios da Biblioteca Nacional formavam enfim um conjunto independente.

Em 11 de Outubro de 1720 é assinada uma autorização do Conselho que permite que «a Biblioteca do Rei esteja aberta a todos os investigadores de todas as nações em todos os tempos, nos dias e horas estabelecidos pelo bibliotecário de sua majestade, e que sejam preparados locais convenientes para receber os ditos investigadores e dar-lhes as comodidades necessárias ao estudo. Além desta entrada permitida aos sábios, a Biblioteca, estará aberta ao público uma vez por semana, desde as onze às treze horas».

Nas vésperas da Revolução, a Biblioteca estava já aberta ao público duas vezes por semana, das nove às duas horas da tarde. Este favor real foi muito apreciado e a secção de Impressos ultrapassava correntemente os cem leitores.

2. Organização actual da Biblioteca

A Biblioteca Nacional de Paris está dependente do Ministério da Educação Nacional, serviço das Bibliotecas.

Desde o decreto de 28 de Outubro de 1926, a Biblioteca Nacional forma com a Biblioteca do Arsenal, as Bibliotecas da Ópera e do Conservatório, a «Reunião das Bibliotecas Nacionais de Paris», de que a Biblioteca de Santa Genoveva, que fazia parte dela inicialmente, foi separada para se transformar na Biblioteca da Universidade de Paris, enquanto a Biblioteca Mazarina foi ligada ao Instituto.

Governa a Reunião das Bibliotecas Nacionais um Administrador Geral, assistido por um conselho de administração, e secundado por um Secretário Geral com categoria de conservador.

A estrutura da Biblioteca Nacional é actualmente a seguinte:

- serviços administrativos e serviços técnicos de interesse comum, sob a responsabilidade dum Secretário Geral com a categoria de conservador chefe;
- nove secções e um serviço, cada um sob a responsabilidade dum conservador-chefe e que são os seguintes: Biblioteca do Arsenal, Cartas e Planos, Entradas, Estampas, Impressos, Manuscritos, Medalhas, Música, Periódicos e Serviço de Trocas Internacionais.

Os serviços administrativos compreendem: Secretaria da Direcção, Correio Central, Arquivos Administrativos, Contabilidade (material e pessoal), Administração da Contabilidade Material (conservação dos edifícios, compra, inventário, conservação do material circulante, do mobiliário, das aquisições, da limpeza; telefone; segurança — vigilância geral, protecção contra incêndio e roubo), Pessoal, Serviço Social (dirigido por um assistente social do estado — instrução dos processos a transmitir à Segurança Social, Cantina e Cooperativa, Estudo dos casos individuais).

Os serviços técnicos compreendem: Entrega de cartões de leitor, Serviço de exposições temporárias, Serviço de empréstimo interbibliotecas de manuscritos, incunábulo e obras raras, Serviço de venda de catálogos e publicações, Serviço de visitas da Biblioteca, Oficina de restauro, Serviço fotográfico — secção científica, secção administrativa, oficina de fotocópia e microcópia, Oficina de tipografia e de multigrafia.

3. O funcionamento da Biblioteca Nacional

O funcionamento quotidiano da Biblioteca Nacional de Paris está regulado num certo número de normas, que qualquer leitor pode obter no porteiro do edifício ou dentro de cada uma das salas de leitura.

Essas normas fornecem instruções sobre as condições de admissão e sobre as várias espécies de cartões de leitor.

Os leitores só são admitidos nas salas de trabalho mediante a apresentação dum cartão passado pela Secretaria.

Ninguém pode obter um cartão se não tiver mais de dezoito anos e bilhete de identidade.

Os cartões são passados especialmente para uma ou mais secções, segundo os trabalhos do candidato. Os motivos do pedido devem ser expressos com precisão; os termos gerais e vagos (investigações históricas, documentação, trabalhos pessoais, etc.) não são tomados em consideração.

Há várias espécies de cartões de leitor.

Os *cartões regulares* são passados a quem tenha um título universitário ou exerça uma profissão que pressuponha a prática de investigação em bibliotecas.

A duração destes cartões varia segundo a qualidade do titular ou a duração do trabalho: três meses, um ano, cinco anos. Estes cartões podem ser prolongados ou renovados.

Os *cartões de vinte e quatro entradas* destinam-se às pessoas que necessitam consultar as colecções da Biblioteca Nacional, mas não preenchem os requisitos para a obtenção dum cartão regular.

Para a consulta acidental de uma obra que não se encontre noutra biblioteca de Paris, há as *autorizações de dois dias*.

No caso de não conhecer previamente a cota das obras que vai requisitar, o leitor deve dirigir-se à sala dos catálogos, onde pode obter um guia que lhe facilitará a consulta dos mesmos.

Em seguida, preencherá a requisição (modelo *a* para a secção de Manuscritos; modelo *b* para a secção de Impressos). Se a leitura se prolonga por vários dias, é necessário preencher um boletim (modelo *c*). O volume ficará então na sala de trabalho respectiva e dentro das suas páginas será colocado um talão com a indicação de «*Volume mis de côtéé*».

4. O horário do funcionamento da Biblioteca Nacional de Paris

O horário das salas de leitura é o seguinte: estão abertas das 9 h. às 18 h. as salas de Impressos, Música e Periódicos — o anexo dos Periódicos, que funciona em Versailles, está aberto às terças, quintas e sábados, das 9 h. às 12 h. e das 13,30 h. às 16 h.; a sala dos Manus-

DAS BIBLIOTECAS & ARQUIVOS

critos está aberta das 9 h. às 17 h.; a das Cartas e Planos e a das Estampas funcionam das 10 h. às 17 h.; a das Medalhas está aberta das 9,30 h. às 12 h. e das 13 h. às 17 h.

O Museu pode ser visitado das 10 h. às 12 h. e das 14 h. às 16,30 h.

A Secretaria está aberta das 9 h. às 18 h. E o serviço de entrega de cartões de leitor funciona das 9 h. às 16 h.

Em qualquer das salas de trabalho as requisições deixam de ser atendidas meia hora antes da hora determinada para o encerramento.

MARIA MANUELA CRUZEIRO